



Tempo e temporalidade: transformações semânticas modernas e alguns desdobramentos na produção do conhecimento histórico

Time and temporality: modern semantic transformations and some consequences in the production of historical knowledge

Luis Cláudio Palermo

Doutorando em História

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

luisclaudio72@gmail.com

Recebido em: 27/03/2017

Aprovado em: 05/05/2017

RESUMO: Este artigo analisa transformações na forma como a sociedade ocidental europeia, em seu período moderno (incluindo os historiadores), concebeu e lidou com conceitos relevantes para o campo da história, como, por exemplo, tempo, temporalidade e, por conseguinte, aceleração do tempo. Como desdobramento, visa-se apontar e analisar algumas implicações importantes para a produção da história como campo do conhecimento, que ocorreram em paralelo às transformações desses conceitos. Nesse sentido, a transição dos conceitos de tempo e temporalidade (bem como o de história) para a modernidade é fundamental para a argumentação desenvolvida. Com base na interpretação de eminentes autores, a tese central sustentada é que, na modernidade (considerada um processo que abrange basicamente os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX), os conceitos de tempo e história passaram a ser vistos como domínios da vida humana. Assim, com a aceleração do tempo e a paulatina secularização operada na filosofia e na política, tais conceitos mudaram de semântica e essa alteração influenciou também a produção do conhecimento histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo; Temporalidade; Aceleração do tempo; Conceito de história; Teoria e metodologia da história.

ABSTRACT: This article analyzes transformations in the way European Western society (including historians) has conceived and dealt with concepts relevant to the field of history, such as time, temporality, and therefore acceleration of time. As consequence, it aims to point and analyze some important implications for the production of history as a field of knowledge, which occurred in parallel to the transformations of these concepts. In this way, the transition from the concepts of time and temporality (as well as history) to modernity is fundamental to the argumentation developed. Based on the interpretation of eminent authors, the central thesis defended here is that in modernity (considered a process that basically covers the sixteenth, seventeenth, eighteenth and nineteenth centuries), the concepts of time and history, begun to be seen as domains which were related of human life. Thus, with the acceleration of time and the gradual secularization operated in philosophy and politics, such concepts changed, in terms semantics, and this specific change influenced, as well, the production of historical knowledge.



KEYWORDS: Time; Temporality; Acceleration of time; Concept of history; Theory and methodology of history.

Introdução

Este é um artigo cujo cerne é, em alguma medida, organizar discussões caríssimas ao campo da história, trata-se da relação entre o tempo e as sociedades humanas, além das implicações entre o conceito moderno de tempo e o campo de conhecimento da história. Evidentemente, não se propõe fazer (expor) um trabalho que irá tentar dar conta de todas as possibilidades. Essa colocação óbvia é pertinente para que se possa compreender a proposta deste trabalho, que é analisar conceitos relevantes, como, por exemplo, tempo, temporalidade e aceleração do tempo, a partir de alguns dos influentes autores do campo da história, da filosofia, da sociologia e da antropologia. Visa-se, com tal análise, mostrar como as transformações modernas desses conceitos (e do conceito de história) tiveram influência na produção do conhecimento histórico.

A proposta metodológica que acompanhou o levantamento de informações necessárias a esta empreitada, que ora se enceta, foi concebida com base na leitura de autores reconhecidamente caros à produção de conhecimento sobre o tempo, sobre a história, sobre as sociabilidades humanas, sobre os dilemas que os seres humanos enfrentam ao estarem frente ao mundo, bem como frente à vida cultural, entre outras questões. Esse levantamento e pesquisa teve, portanto, uma perspectiva interdisciplinar ou se serviu desse instrumento. Esse artigo é, destarte, resultado da minha compreensão, interpretação e análise sobre algumas teses relevantes que norteiam a produção do conhecimento em campos afins (história, sociologia e filosofia). Cabe assinalar que a seleção desses autores ocorreu concomitantemente ao desenvolvimento do pesquisador em sua trajetória acadêmica.

Em face do que foi delineado inicialmente, pode-se propor que este artigo tem interesse em tentar organizar, em alguma medida, as perspectivas modernas que se colocam para os conceitos mencionados, visando contribuir com uma leitura macro sobre alguns dos impactos que a modernidade trouxe para tais conceitos e, por conseguinte, para o campo da história. É por isso que a sequência lógica do artigo se apresenta de forma bem clara: inicia com uma discussão sobre os conceitos de tempo, temporalidade e, como desdobramento, aceleração histórica. Em seguida, pretende-se mobilizar esforços para se mostrar como as transformações na modernidade e as mudanças operadas nesses conceitos passaram a influenciar a produção do conhecimento no campo da história.



Conceitos de tempo, temporalidade e aceleração do tempo

A história é a ciência dos homens no tempo. Esse é um dos ensinamentos clássicos que nos foi oferecido por Marc Bloch.¹ Esse proeminente historiador é enfático: “Ciência dos homens” é pouco, é vago demais. “É preciso acrescentar: ‘dos homens, no tempo’ ”². É claro que não é exclusivamente para a história como ciência que o tempo é fundamental, pois ele é também um componente crucial na vida cotidiana das pessoas, não somente no sentido biológico, mas sobretudo no que concerne à produção de sentido que fazemos sobre nossa existência. Nesse sentido, há um ditado popular que afirma que o “tempo é o senhor da razão”.

Diante do exposto, não há como desconsiderar a condição de um tempo que prefigura a vida humana, um “tempo sideral”³ que está contido no movimento da natureza e que estrutura a (ou faz parte da) vida de todos os seres. Entretanto, esse não corresponde à matéria-prima basilar e matricial de cuja semente se utiliza o historiador para analisar a vida dos seres humanos em sociedade e procurar explicar as inúmeras e complexas relações entre eles.

Cumprido acrescentar, neste ponto, as reflexões que Benedito Nunes⁴ faz ao interpretar Heidegger e mostrar o quanto o filósofo alemão mudou sua linha de análise sobre o tempo, oferecendo base para muitos estudos. Segundo Nunes, em 1924, Heidegger se colocou a tarefa de pensar o tempo em sua perspectiva eterna, ou seja, um tempo natural e, *a priori*, separado da dimensão humana. É por isso que Nunes afirma que o pensador alemão identificou, neste momento de suas reflexões, o teólogo como o especialista do tempo, na medida em que o tempo, nessa perspectiva de análise, incorporava uma dimensão ou natural ou divina.

Em seguida, no entanto, a análise de Heidegger ganhou outro foco e outra semântica. Em 1927, ele buscou compreender o tempo em sua relação com o ser humano ou a partir da experiência humana que é desenvolvida no tempo. Assim, o tempo passou a ser visto por esse pensador/filósofo como algo vinculado à experiência fenomenológica, não mais como uma expressão prefigurada de algo natural ou que podia ser visto apenas como eternidade. O tempo ganha, nesse diapasão, uma complexidade que não é mais do campo da natureza ou como algo

¹ BLOCH, Marc. **Apologia da história** – Ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

² _____. **Apologia da história**, p. 55.

³ THOMPSON, Edward Palmer. “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”. In: **Costumes em comum** – estudo sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 268.

⁴ NUNES, Benedito. “Experiências do tempo”. In: NOVAES, Adatao. **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 131-140.



que podia somente ser compreendido por um especialista em conhecimentos transcendentais, como um teólogo, por exemplo.⁵

Com base em Nunes, pode-se inferir, destarte, que o tempo começou a ser visto por Heidegger “como análise ontológica do homem”, pois se pode chegar ao tempo sem “passar pela eternidade”⁶. Podemos depreender, então, que o tempo passou, nesse momento da filosofia heideggeriana, a ser enxergado a partir da historicidade dos seres humanos. Assim, o tempo passou a ter um conjunto quase infinito (ou infinito mesmo) de possibilidades que são representados pelas temporalidades humanas, tanto do ponto de vista do indivíduo como da perspectiva da coletividade. Desde então, Nunes identifica que se instaura, na linha de pensamento desse filósofo alemão, uma noção de que “[...] Não há precedência do tempo sobre a *história*”⁷.

Norbert Elias⁸ é outro intelectual importante que pensa e problematiza a referida relação entre tempo natural e tempo humano. O autor parte do tempo como algo natural para alcançar sua dimensão social e vislumbrar, conseqüentemente, as temporalidades. Nesse sentido, Elias acrescenta às três dimensões espaciais (altura, largura e profundidade) o tempo, ou seja, aquele tempo natural que corresponde, segundo esse sociólogo, à quarta dimensão, que está intrínseca e diretamente ligada às três anteriores.

Essa poderia ser uma boa alegoria para iniciarmos uma reflexão acerca da natureza. Partindo desse autor, podemos pensar na natureza, em si, como sendo formada, em sua base, por um mundo que é integrado por quatro dimensões⁹, na medida em que é composto do espaço (com suas três dimensões, a saber, altura, largura e profundidade) e do tempo.

Não obstante a essas reflexões e avançando na discussão sobre o tempo, o intelectual alemão em voga afirma ser importante mesmo o tempo como a quintessência ou, colocado de outra maneira, o tempo que é referência para o comportamento humano e suas relações. O que é valorizado por esse sociólogo é, desse modo, o tempo em sua dimensão cultural, haja vista que, “[...] ao lado do devir quadridimensional, a quinta dimensão, representada pelos homens que apreendem e organizam esse devir, penetra no campo de visão dos observadores”¹⁰.

⁵ NUNES. **Tempo e História**, p. 131.

⁶ _____. **Tempo e História**, p. 131.

⁷ _____. **Tempo e História**, p. 133.

⁸ ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

⁹ _____. **Sobre o tempo**, p. 32.

¹⁰ _____. **Sobre o tempo**, p. 31.



Por essa linha de pensamento, o tempo não tem um sentido correspondente ao simples movimento natural que impõe uma determinação cabal à vida dos seres, de modo que nenhum ser vivo escaparia a essa determinação (mesmo os seres inanimados não escapariam), especialmente no que diz respeito às transformações lineares e cumulativas do tempo. Logo, o tempo não representaria, nessa perspectiva, uma simples linha vital do nascimento à morte (contemplando início, meio e fim).

Em outros termos, a matriz de raciocínio desse intelectual nos faz pensar o tempo como mestre regente das ações sociais, como meio concatenador da vida cultural, enfim, como um campo de existência efetivo em que as relações humanas se plasnam. O singelo deslocamento cognitivo operado pelo sociólogo em voga – a saber, em direção à importância das relações humanas no tempo – tem o objetivo de nos mostrar que a existência do tempo passa a ter grande valor mesmo em sua quinta dimensão, ou seja, como possibilidade concatenadora e orientadora das relações humanas. Assim,

[...] O tempo que só era apreendido, no patamar anterior [natural], como uma dimensão do universo físico, passa a ser apreendido, a partir do momento em que a sociedade se integra como sujeito do saber no campo da observação, como um símbolo de origem humana e, ainda por cima, sumamente adequado a seu objeto.¹¹

Adentrando nas potencialidades e nas vicissitudes do tempo social, cultural e histórico, ao qual se refere o sociólogo em apreço, podemos perceber que a complexidade do tempo se torna ainda mais acentuada, haja vista que o domínio da vida e a concatenação dos tempos sociais inscritos numa cultura (ou nas interconexões culturais) apresentam seu grau de inefabilidade, na medida em que o tempo representado como a quintessência já não deve mais ser descrito ou compreendido em sua natureza pura, mas sim com base nas temporalidades diversas e complexas que são intrinsecamente ligadas à vida dos seres humanos em sociedade.

Elias fez, portanto, uma análise que remete às perspectivas complementares entre o tempo natural, o tempo simbólico (cultural) e o tempo individual. De acordo com esse autor, o que importa mesmo não é o tempo em sua dimensão natural, haja vista que seu uso social é o que define o ritmo da vida humana e é o que define as temporalidades. Desse modo, a preocupação desse sociólogo é compreender em que medida o tempo vivido pelo(s) indivíduo(s) é organizado com base numa referência dada pela coletividade. O foco de Elias está eminentemente voltado para a concatenação das diversas ações sociais inscritas num modelo cognitivo que é dado pela

¹¹ ELIAS. **Sobre o tempo**, p. 31.



cultura. Cabe chamar a atenção que a cultura, por sua vez, está ancorada num padrão de medição ou de organização do tempo que é comum à coletividade (e proveniente, em alguma medida, do tempo natural que lhe serve de parâmetro articulador das temporalidades).

Em adendo ao pensamento filosófico e sociológico sobre o tempo, conforme representado por Heidegger (via Nunes) e por Elias, cumpre trazer à baila uma discussão cara para a história, que é protagonizada pelo pesquisador inglês Edward P. Thompson e trata do processo de crescente aprimoramento da medição do tempo como meio de regulação da vida social – especialmente como meio de exploração da mão de obra –, bem como sobre a gradativa mudança na “percepção do tempo em seu condicionamento tecnológico”¹², na Europa Ocidental.

O historiador em destaque mostra o quanto há um processo de amplas transformações que ocorrem na Europa Ocidental, entre o século XIV e o XIX, cujo cerne é o aprimoramento gradual do controle externo (social) sobre a vida das pessoas, controle esse que visava concatenar experiências, tarefas e, aos poucos, exercer a exploração sobre trabalho como atividade humana relacionada ao sistema produtivo. Esse processo foi longo e não se baseou somente na exploração da mão de obra, mas também se fez presente no ensino, nas pregações de cunho religioso, em suma, em alguns campos da vida social, tendo o trabalho como ponto referencial.¹³

É pertinente chamar a atenção que, segundo esse historiador, essas mudanças alteraram também a forma como as pessoas passaram a internalizar o tempo, produzindo uma gradativa inflexão no aparato cognitivo dos indivíduos, haja vista que “não existe desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo desenvolvimento ou mudança de uma cultura”¹⁴. Com isso, o gradual controle externo exercido sobre os seres humanos, com vistas a organizar a atividade produtiva, produziu, *pari passu*, uma nova forma de as pessoas perceberem o tempo.

É possível compreender, a partir das formulações de Thompson, as modificações graduais nas pressões externas protagonizadas pelo novo modo de produção, que geraram transformações na forma de o ser humano enxergar e encarar a vida de forma cada vez mais rápida e orientada pelo ritmo industrial. Complementarmente, podemos compreender, com base no sociólogo Georg Simmel, como as transformações, na modernidade europeia, engendraram, por outro ângulo, alterações significativas tanto na sociabilidade das grandes cidades como também na aceleração do tempo e do ritmo da vida social.

¹² THOMPSON. **Costumes em comum**, p. 189.

¹³ _____. **Costumes em comum**, p.297-298.

¹⁴ _____. **Costumes em comum**, p.304.



Convém evidenciar que um dos pontos deveras valorizado pela sociologia é o que remete à discussão sobre as modificações estruturais que ocorreram nas grandes cidades modernas europeias, mormente após o século XIX. E, nesse aspecto, Simmel é estimado como um dos autores clássicos da sociologia que mais contribuíram para tal debate. Dentre algumas das questões pujantes que podem ser evidenciadas sobre essas transformações, a partir do pensador em apreço, cabem destaque a três: grande adensamento populacional, “*intensificação da vida nervosa*”¹⁵ e desenvolvimento de uma economia pautada na “essência contábil do dinheiro”¹⁶.

O sociólogo em voga nos mostra que um dos impactos mais relevantes promovidos por essas mudanças mencionadas ocorreu no que ele chama de a vida do espírito ou no comportamento das pessoas. A partir desse intelectual, pode-se sustentar, então, que as grandes cidades europeias modernas passaram a apresentar um singelo paradoxo: quanto maior a proximidade física entre as pessoas – proximidade decorrente sobretudo do adensamento populacional citadino –, maior se tornava a distância social entre essas mesmas pessoas. Por outro lado, a vida no campo apresentava uma distância física maior – devido à pouca quantidade de pessoas vivendo numa determinada região –, mas com proximidade social mais acentuada.

Seguindo a via dessa perspectiva sociológica, pode-se depreender que o comportamento das pessoas (nas grandes cidades) tendeu, pouco a pouco, a se tornar baseado mais no entendimento racional da vida e do mundo. O espírito moderno – e as grandes cidades representam fulcralmente este espírito – é contábil, racionalizado e inclinado a valorizar a objetividade e a individualidade, influenciando os indivíduos a terem um comportamento *blasé* – ou seja, a se apresentarem indiferentes em relação aos outros (ou ao seu próximo). As relações sociais tendem, nesse cenário, a ser pautadas na impessoalidade (distância pessoal) e não na pessoalidade (proximidade pessoal). É por isso que o autor em voga afirma que “[...] O desenvolvimento da cultura moderna caracteriza-se pela preponderância daquilo que se pode denominar espírito objetivo sobre o espírito subjetivo”¹⁷.

O que se deseja colocar em destaque é que as reflexões desse pensador e sociólogo nos permitem alcançar – além dos conhecimentos sociológicos – uma vertente teórica importante sobre o tempo, uma vez que é possível interpretar, especialmente a partir do desdobramento

¹⁵ SIMMEL, Georg. “As grandes cidades e a vida do espírito”. In: **Mana: estudos de antropologia social**, vol. 11, n. 2, pp. 577-591, outubro, 2005, p. 577.

¹⁶ _____. **As grandes cidades e a vida do espírito**, p. 580.

¹⁷ _____. **As grandes cidades e a vida do espírito**, p. 588.



analítico dos três pontos elencados acima, que ocorre uma aceleração significativa do tempo e da vida nervosa, na Europa Ocidental, sobretudo após os séculos XVIII e XIX.

Nesse sentido, cumpre realçar, evidentemente, que a aceleração mencionada não tem conexão intrínseca com o tempo natural, mas sim uma relação efetiva com a acentuação no ritmo da vida social que estava pautada em movimentos cada vez mais heterogêneos e rápidos. Portanto, ao interpretar Simmel, conclui-se, aqui, que a aceleração do tempo social é mais substancialmente percebida nas grandes cidades, tendo em vista que é nesses espaços que a vida se torna profusa em termos de contatos sociais, assaz nervosa e sobremaneira pautada pelo espírito objetivo.

É pertinente destacar que o pensamento desse sociólogo em questão – assim como o do historiador E. P. Thompson – permite-nos alcançar uma dimensão da aceleração do tempo que é decorrente do modo de vida que gradualmente estava ganhando preponderância, na Europa Ocidental. É possível sustentar, em adendo, que “[...] os anos entre 1300 e 1650 presenciaram mudanças importantes na percepção do tempo no âmbito da cultura intelectual da Europa”¹⁸. Vale sublinhar que não somente na percepção, mas também houve transformações significativas no ritmo da vida social e no modo como se procurou, a partir do tempo, “regular os comportamentos do grupo”¹⁹.

Tendo em vista essas observações que se baseiam em alguns autores/pensadores clássicos, percebe-se que a noção de tempo tem, pelo menos, uma dupla dimensão: uma que é sideral, que é proporcionada pela natureza e outra que é social, cultural e histórica, que é forjada, construída e inventada pela necessidade que os seres humanos têm de conviver com outros (ou pela mudança no modo de produção que ocorre na modernidade).²⁰ Ademais, as reflexões sobre o tempo, seja sob sua condição filosófica, sociológica ou histórica conduzem-nos à consideração da complexidade do tempo que toca à vida humana e que, desse modo, instaura um conjunto de possibilidades que é dado pela percepção (que tem relação com o tempo vivido) e noção (que tem relação com o tempo refletido) de temporalidade.

¹⁸ THOMPSON. **Costumes em comum**, p. 189.

¹⁹ ELIAS. **Sobre o tempo**, p. 16.

²⁰ O historiador José Carlos Reis, numa análise mais complexa do que a que se desenvolve aqui, acrescenta que há também o tempo da consciência. Nesse sentido, ele aborda o tempo físico, o filosófico e o histórico. Ver: REIS, José Carlos. **História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.



É preciso ratificar que, ao se abordar um tempo social, cultural ou histórico, não se está se referindo, aqui, ao tempo meramente contado pelos seres humanos e que se apresenta, nesse sentido, como “um curso temporal objetivo, contínuo, uniforme e infinito”²¹. Evidentemente que esse tempo contado é fruto da criação humana; mas ele não encerra as possibilidades de se analisar o tempo a partir das historicidades humanas. É essa relação entre tempo e historicidade que nos remete à possibilidade da “História como ciência”²², que nos possibilita pensar o tempo em seus matizes diversos, matizes esses identificados a partir da complexidade, diversidade e profusão de possibilidades propiciadas pela vida humana em sociedade.

Conforme visto acima, pouco a pouco, na modernidade europeia, o ser humano passou a vivenciar e incorporar, segundo Hannah Arendt, novas questões filosóficas e políticas, bem como passou a desenvolver mais rapidamente mudanças no campo da tecnologia. Com isso, os homens, gradativamente, começaram a ter certo controle sobre a natureza (ou maior ingerência sobre ela). Além disso, a política secularizava-se e a tecnologia propiciava a possibilidade de agir sobre o mundo, interferindo nele.

Nessa esteira de acontecimentos e mudanças na forma de pensar, o tempo foi se tornando um elemento cada vez mais visto e percebido como parte do domínio da vida humana individual e, sobretudo, cultural/social (coletiva). O tempo tornou-se, então, mais complexo, uma vez que passou a ser visto/pensado não a partir de si mesmo, mas notadamente sob o ponto de vista da historicidade da vida humana em sociedade: “natureza e história puderam desde então separar-se conceitualmente”²³.

O que se deseja colocar em relevo é que o tempo pensado/concebido pelos homens ganhou múltiplas possibilidades e facetas que são inerentes à historicidade humana e que comporta temporalidades diversas. Trata-se de uma forma de compreensão que viabiliza pensar o tempo como algo inextricavelmente relacionado à vida do indivíduo e das coletividades (pensando sobretudo na relação entre indivíduo e coletividade). Nesse sentido, a temporalidade é algo inerente às historicidades.

Por essa linha de raciocínio, o tempo torna-se, pois, finito e secularizado, posto que se torna algo observável pela capacidade cognitiva do ser humano. É desse modo que se pode

²¹ NUNES. **Tempo e História**, p. 134.

²² NUNES. **Tempo e História**, p. 134.

²³ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão: Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006, p. 54.



entender que o “[...] interesse cognoscitivo da Historiografia depende, ontologicamente, da historicidade”²⁴, uma vez que compreender o tempo é necessariamente pensar na sua dimensão relacional com a experiência vivida, com o que fenomenologicamente pode ser observado.

Perante a essas considerações sobre tempo, história, temporalidade e historicidade, chama-se a atenção que a aceleração do tempo não deve ser enxergada nem considerada exclusivamente pelo prisma do desenvolvimento tecnológico. Claro, é lugar-comum que tal desenvolvimento contribuiu decisivamente para produzir a aceleração do tempo. Não obstante, o que se deseja ressaltar é que o processo de aceleração do tempo é incrementado também por mudanças na forma de organização da vida humana e na forma como passamos a pensar e perceber o tempo.

Cumprе realçar, complementarmente, que algumas dessas transformações apontadas ensejaram, paulatinamente, mudanças também na produção do conhecimento histórico, de modo que a passagem do século XVIII para o XIX marcou um ponto de inflexão no qual ocorreu o amadurecimento de questões caras à filosofia da história, que possibilitam uma nova forma de pensar a história como conceito e como campo do conhecimento.

Como consequência, nesse período, “[...] a nova história [*Geschichte*] adquiriu uma qualidade temporal própria. Diferentes tempos e períodos de experiência, passíveis de alternância, tomaram o lugar outrora reservado ao passado entendido como exemplo”²⁵. Em função do que foi exposto nesta seção, é crucial realçar, portanto, que essa é uma fase de mudanças na produção do conhecimento. E a história não ficou de fora desse movimento, conforme discutido a seguir.

Transformações na Europa Ocidental Moderna: mudanças na concepção da história como conceito e novas formas de pensar o tempo na produção do conhecimento histórico

A seção anterior priorizou a organização de uma discussão sobre o conceito de tempo, sua importância e as mudanças que culminaram numa visão desnaturalizada desse conceito. Procurou-se sustentar que a principal alteração foi que o tempo passou a ser visto com base em questões que tocam a vida humana, a partir das temporalidades que são concatenadas pela vida coletiva e que ganham sentido no âmbito da cultura (ou do tempo culturalmente medido, usado como concatenação da vida social).

²⁴ NUNES. **Sobre o tempo**, p. 138.

²⁵ KOSELLECK. **Futuro passado**, p. 47.



Conseqüentemente, nesta seção que se inicia, o tempo é analisado primordialmente com base na perspectiva humana. As discussões estabelecidas doravante interessam-se pela forma como as pessoas passaram a enxergar os eventos – tendo por referência uma nova relação com o tempo – e como passaram a lidar com o tempo histórico. Como desdobramento, serão apontadas algumas mudanças que ocorreram na maneira como a produção do conhecimento histórico passou a lidar com o tempo ou na forma como se concebeu uma teoria do tempo histórico.

Tendo por referência o eminente historiador dos conceitos Reinhart Koselleck, sobretudo com base em seu livro *Futuro Passado*, podem ser apontados dois fatores cruciais para compreendermos algumas das transformações atinentes à forma como os seres humanos passaram a enxergar e experimentar o tempo, na Europa Ocidental, no período entre os séculos XVIII e XIX, bem como suas conseqüências para a produção do conhecimento histórico.

Tais fatores são: (i) a aceleração do tempo que ocorreu substancialmente na segunda metade do século XVIII, especialmente após os acontecimentos que encetaram a Revolução Francesa²⁶; (ii) as mudanças nas condições de possibilidade de pensar o mundo europeu, a partir da filosofia, pois houve, por volta do século XVIII, a transição de uma visão de mundo ancorada mais substancialmente no ponto de vista religioso para a primazia da filosofia Iluminista cujos fundamentos, em sentido sinóptico, alicerçam-se na busca pela verdade, com base na razão humana²⁷. Com isso, “[...] O Vetor da moderna filosofia da história foi o cidadão emancipado da submissão absolutista e da tutela da Igreja”²⁸.

Um dos pontos mais conhecidos e debatidos do livro em alusão trata das categorias meta-históricas que o autor em voga denomina de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”²⁹. Nessa obra, o historiador dos conceitos nos apresenta a relevância dessas categorias, notadamente no que tange à sua serventia para a teoria e metodologia da história.

Suas análises nos permitem pensar as transformações históricas ocorridas na relação que os seres humanos estabeleceram com o tempo, considerando um longo período desde a antiguidade até o início da contemporaneidade histórica (transição do século XVIII para o XIX).

²⁶ KOSELLECK. *Futuro passado*, p. 80.

²⁷ Evidentemente que essas mudanças não ocorreram de chofre. Elas fazem parte de um processo histórico que se iniciou no período medieval europeu, mas que teve sua descontinuidade mais visível no decurso do século XVIII e em sua passagem para o XIX. A forma de tratamento aqui adotada baseia-se numa apreensão geral desse processo, tendo em vista a proposta de trabalho que é requerida.

²⁸ KOSELLECK. *Futuro passado*, p. 36.

²⁹ _____. *Futuro passado*, p. 268-305.



Assim, “[...] a escolha desses termos parece-me muito judiciosa e particularmente esclarecedora no que diz respeito a uma hermenêutica do tempo histórico”³⁰.

Uma das principais teses que está contida no livro de Koselleck³¹ é a que mostra a passagem do topos temporal antigo para o moderno. Segundo esse autor, há a transição de um modo de relação do ser humano com o tempo que revela uma orientação voltada para o passado, conforme o topos antigo (até o século XVII), para a uma orientação de futuro em aberto e como progresso, de acordo com o topos moderno (após o século XVIII). Nesse sentido, o historiador alemão em apreço faz uma reflexão de como se configurou o topos da história *Magistra Vitae* (mestra da vida) e como ocorreram mudanças nesse topos, especialmente a partir do século XVIII (mormente entre 1750 e 1850), orientando para o futuro a relação do ser humano com o tempo.

Na fase da história exemplar (*Magistra Vitae*) – desde a Antiguidade até por volta do século XVII –, a forma basilar e primaz de perceber o tempo era a partir dos fatos do passado cujos acontecimentos eram encarados (ou vividos) como repetitivos em relação ao momento presente das pessoas. Com efeito, os acontecimentos eram notados (ou percebidos) e vividos menos sob o ângulo de seu ineditismo, de sua singularidade. Tais acontecimentos eram enxergados, nesse contexto, como exemplares de um passado tradicional e, com isso, não guardavam em si uma perspectiva de futuro como progresso.

O que se deseja chamar a atenção é que Koselleck identifica – notadamente a partir da Revolução Francesa (século XVIII) – que o tempo da vida humana se tornou acelerado, em razão da ocorrência de uma quantidade cada vez maior de acontecimentos importantes num espaço de tempo relativamente curto. Um exemplo que se pode destacar é o fato de ter havido mudanças abruptas e significativas, no campo político, num período curto para os referenciais europeus da época. Cabe destacar que “Lamartine, em 1851, escreve que desde 1790 já tivera sob oito formas de governo diferentes, e sob dez governos”³².

Os acontecimentos ligados à vida humana começaram, nesse contexto, a ser cada vez mais percebidos e enxergados, pelas pessoas (pelos sujeitos históricos), a partir de sua singularidade e de seu caráter de ineditismo. Com isso, a aceleração do tempo passou a exercer

³⁰ RICOEUR, Paul. Para uma hermenêutica da consciência histórica. In: **Tempo e Narrativa**. O tempo narrado. Revisão e tradução: Márcia Valéria Martínez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p.354.

³¹ KOSELLECK. **Futuro passado**.

³² KOSELLECK. **Futuro passado**, p. 321-322.



consequências substanciais na cognição das pessoas, uma vez que as fez perceber um distanciamento entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa haja vista a sucessão cada vez mais veloz dos acontecimentos.

É importante aduzir que não foi somente na vida humana que a aceleração do tempo teve impacto, pois, “[...] Originou-se aí [nesse período] o impulso inicial da escola historicista, a qual resultou da reflexão sobre o espantoso ineditismo de seu próprio presente”³³. Desde esse período, prevaleceu, gradativamente, a noção e percepção dos homens de que o presente abria um conjunto de possibilidades de compreensão do mundo, mas com uma orientação substancial e crucialmente voltada para o futuro, não para o passado em si. Logo, o passado como exemplo perdeu sua força e o futuro como progresso – e como prognóstico – tornou-se a referência que orientava a relação das pessoas com o mundo.

Assim como a aceleração do tempo fazia com que as pessoas percebessem, encarassem e vivessem as ocorrências históricas como inéditas e descontínuas, cumpre aduzir que a filosofia Iluminista também se tornou primaz no século XVIII e, com ela, houve uma mudança na condição de possibilidade de pensar o futuro (e de enxergá-lo também). Ora, se a perspectiva de futuro, no período em que predominou a história exemplar, estava substancialmente enquadrada pela escatologia, desde o século XVIII, principalmente, o futuro passou a se apresentar como possibilidade ou algo a ser construído pelas pessoas. Destarte, o pensamento acerca do porvir passou a não ser mais o de que se cumpriria algo já predeterminado. A tônica passou a ser, portanto, a ideia de futuro em aberto e de progresso como algo crucial.

Falando toscamente, até meados do século XVII a expectativa do futuro era limitada pela chagada do Juízo Final, quando a injustiça terrena encontraria uma compensação trans-histórica. [...] Isto só mudou no século XVIII, quando os resultados da ciência e da técnica pareciam abrir um espaço ilimitado de novas possibilidades.³⁴

Diante do exposto, convém ressaltar que o argumento principal de Koselleck é que esses acontecimentos vividos pela Europa Ocidental Contemporânea³⁵ geraram uma mudança significativa no período, alterando o espaço de experiência e contribuindo, por conseguinte, para modificar a forma como as pessoas começaram a lidar com o horizonte de expectativa, alterando, destarte, a relação dos seres humanos com o tempo e com o mundo vivido. Como consequência

³³ _____. **Futuro passado**, p. 144.

³⁴ KOSELLECK. **Futuro passado**, p. 238.

³⁵ Revolução Francesa, progresso tecnológico e Iluminismo, entre outros menos destacados ou possíveis de serem pensados, ainda que não tenham sido mencionados pelo autor.



das mudanças na forma de pensar, emergiu a percepção de um futuro em aberto e que possibilitava àqueles seres humanos refletirem sobre o progresso sem se sentirem limitados pela perspectiva escatológica.

Desde essas mudanças na cultura, ideias e filosofia, bem como por conta da aceleração do tempo (mudanças notadamente de cunho social e político), o futuro tornou-se algo a ser construído pelas mentes, corações e ações humanos. Não se tratava mais, segundo o historiador alemão, de um futuro a ser concedido ou controlado pela providência divina. O juízo final não era mais a medida que orientava a visão das pessoas, no período em questão; logo, “[...] o fim do mundo foi sendo mais e mais adiado”³⁶.

Tais mudanças aceleradas ocorridas na vida humana, além das alterações na forma de se experimentar o tempo (e lidar com ele), engendraram, de forma cada vez mais crescente, transformações substanciais na produção do conhecimento histórico. Em decorrência, a noção de tempo ganhou uma semântica diferente depois dos séculos XVIII/XIX e essa nova semântica foi acompanhada também pelo desenvolvimento gradual de um novo conceito de história.

Sobre o novo (moderno) conceito de história, a filósofa Hannah Arendt mostra o quanto a história antiga, com Heródoto e Tucídides, carregava em seu bojo a noção de que o papel da escrita da história era fazer com que os feitos e as obras humanas fossem imortalizados, tal como a natureza que lhes parecia imortal (ou que nunca iria acabar). Nesse sentido, “[...] através da História os homens se tornam quase iguais à natureza, e unicamente os acontecimentos, feitos ou palavras que se ergueram por si mesmos ao contínuo desafio do universo natural eram os que chamaríamos históricos”³⁷.

A natureza, naquele período, era a referência da história. Segundo a intelectual em voga, os homens faziam história porque intentavam se tornar imortais, exatamente da mesma forma como eles percebiam a natureza. A escrita da história tinha, naquele contexto Antigo, um sentido de tentar imortalizar os eventos únicos, a fim de torná-los eternos.

Desde a transição para a modernidade, de acordo com Arendt, a política e a filosofia introduziram, cada vez mais, propostas de mudanças na relação estabelecida entre o homem e o mundo, bem como na relação entre o ser humano (como indivíduo) e a vida coletiva (social, cultural, econômica ou política). Um dos pontos mais fortemente destacados pela autora em

³⁶ KOSELLECK. **Futuro passado**, p. 28.

³⁷ ARENDT, Hannah. O conceito de história – Antigo e Moderno. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1992, p.76.



evidência é o que remete às propostas de laicização da vida política, da vida social e no campo da filosofia.

Vale sublinhar que essas propostas intelectuais começaram a colocar cada vez mais o ser humano (e as ideias) no centro do debate sobre a política, sociedade e filosofia. Essa época moderna foi marcada, então, pela postura do homem em busca de conhecimentos que pudessem ser testados (levados à prova) e conhecimentos que não tivessem nenhum grau de especulação nem de influência religiosa por trás.³⁸

Modernamente, portanto, o ser humano vivenciava e incorporava, continuamente, novas questões filosóficas e políticas, além do constante aprimoramento no campo tecnológico. Desse modo, nesse período o ser humano começou, progressivamente, a ter certo controle sobre a natureza. Com isso, secularizou-se cada vez mais o campo da política e a tecnologia passou a propiciar (mais e mais) aos seres humanos a possibilidade de agir sobre o mundo, interferindo efetivamente nele. Em decorrência desses fatores, a consciência de imortalidade da natureza, que era incorporada pelo antigo conceito de história, foi pouco a pouco substituída pela história como meio de consciência da humanização do mundo (produto da força e construção humana), da secularização da política, do desenvolvimento tecnológico, entre outras mudanças.³⁹

Pode-se sustentar, pois, que, nesse período, o domínio gradual do homem sobre o mundo, sobre a natureza e sobre as questões políticas seculares (não controladas pelo poder transcendente) engendraram condições de possibilidades para que se concebesse um novo conceito de história, um conceito em que o ser humano aparece no centro das preocupações (e propostas) e no qual a natureza e o caráter transcendente são deslocados, na medida em que passaram a ter pouca importância. Por essa linha de raciocínio, não interessava mais ao moderno conceito de história conhecer os feitos e as obras humanas para que esses fossem imortalizados. O que se tornou importante, decisivamente, foi a compreensão de como esses feitos e obras humanas foram possíveis de ter acontecido.

Além do sentido de imortalidade sobrelevado por Arendt, cumpre realçar que Koselleck acrescenta como característica do antigo conceito de história a noção de história como “instrução

³⁸ _____. **O conceito de história – Antigo e Moderno**, p. 85.

³⁹ Hannah Arendt não é enfática como Koselleck sobre a importância da aceleração do tempo nesse processo. Aliás, ela não confere importância efetivamente clara a essa variável. Portanto, além do marco temporal que foi ressaltado na nota de rodapé anterior, pode-se apontar que essa é uma outra diferença importante que se nota nos argumentos de Arendt e de Koselleck, em relação aos textos mencionados.



para a vida”⁴⁰. Conforme apontado anteriormente, para esse autor alemão, o moderno conceito de história é concebido notadamente a partir de uma nova relação que os seres humanos passaram a ter com o tempo, sobretudo no que se refere ao horizonte de expectativa.

Portanto, com base no autor em voga, pode-se afirmar que o conceito de história não apenas se desnaturalizou e secularizou-se, ele passou também a contemplar uma visão de progresso como condição basilar de sua constituição moderna. Isso ocorreu porque a história como produção de conhecimento começou a incorporar – na transição do século XVIII para o XIX – a ideia de que o futuro é uma matriz de referência crucial para que se compreenda as ações dos homens no presente e no passado. Nesse sentido, o que está por vir, assim como a visão dos seres humanos acerca do que poderia ser esse porvir, acabaram tendo implicações na forma como o homem passou a enxergar e lidar com o passado e com o presente.

Desse modo, pode-se depreender, a partir de Koselleck, que a aceleração do tempo e o domínio secular no campo da filosofia permitiram aos teóricos e pesquisadores do campo da história atinarem, deduzirem ou chegarem à conclusão que o ponto de observação – o tempo presente do pesquisador – tornou-se crucial para que se entenda a relação dos seres humanos com o tempo (passado e futuro). Conseqüentemente, a própria posição do pesquisador deve ser colocada como relativa, especialmente no que refere ao espaço de experiência que o cerca e a seu horizonte de expectativa.

[...] Com isso, a novidade de uma história que, cada vez que se produz, pensa em si mesma como nova reivindica um direito sempre crescente sobre o conjunto da história. Torna-se evidente que a história, precisamente como história universal, precisa ser continuamente reescrita⁴¹.

Perseguindo essa trilha e essas transformações, pode-se afirmar que se chegou à conclusão, especialmente no século XIX, que o presente abria condições de possibilidades de se relativizar o conhecimento, renovando-o constantemente. Esse é um constructo historicista que nos permite captar a relação dos homens com o tempo, a partir da perspectiva da influência mútua entre passado, presente e futuro.

A história como conhecimento se tornou consciente de que é preciso compreender os sujeitos históricos estudados com base na relação entre o espaço de experiência e no horizonte de expectativa desses sujeitos. Depreende-se, então, que as ações humanas, assim como os acontecimentos históricos, estão envolvidos/revestidos por essas nuances (inclusive a pesquisa

⁴⁰ KOSELLECK. **Futuro passado**, p. 43.

⁴¹ KOSELLECK. **Futuro passado**, p. 287.



histórica e seus pesquisadores), haja vista que os homens estão a todo tempo (ou quase todo tempo) medindo, calculando, projetando, em suma, pensando e avaliando suas ações, eminentemente a partir de seu campo de experiência e do que têm (ou projetam) de horizonte de expectativa.

Além da emergência paulatina de um novo conceito de história, é importante mencionar que, segundo Koselleck, novas chaves teórico-metodológicas passaram a ser desenvolvidas, especialmente na passagem para a contemporaneidade histórica (século XVIII para o XIX). Esses novos recursos concebidos e desenvolvidos visavam dar subsídios aos pesquisadores (historiadores) para que pudessem compreender um mundo cada vez mais secular e cujas mudanças ocorriam de forma contínua e crescentemente mais aceleradas.

Nesse cenário em que a vida se tornou cada vez mais acelerada, uma questão importante de se ressaltar e ratificar é que os acontecimentos puderam ser encarados como inéditos, como singulares, não como exemplares de um passado tradicional. O ritmo progressivamente acelerado da vida social, econômica e política, associado à secularização da filosofia, ofereceram à cognição humana uma percepção de que os acontecimentos estavam se tornando passageiros. E cabe sublinhar que, através desta perspectiva, o presente se configuraria em uma ponte para o futuro.⁴² Assim,

[...] A principal consequência da Revolução Francesa, durante o século XIX, foi uma mudança profunda na percepção do tempo, que levou à redescoberta da história. Esse evento complexo revelou a história em duas direções: do presente ao passado, do presente ao futuro. A história foi descoberta seja como produção do futuro, seja como reconstrução do passado.⁴³

Portanto, tendo em vista que os acontecimentos ocorriam de forma acelerada ou numa escala nunca dantes vistas, o tempo presente começou, por conseguinte, a ser enxergado como peculiar, não mais como repetição, conforme o período da história mestra da vida. Em decorrência, uma percepção mais forte de descontinuidade temporal se impôs aos seres humanos (e aos historiadores). A vida passou a ser percebida (e compreendida) menos pela continuidade,

⁴² Deve-se chamar a atenção que outros pensadores consideram que essa perspectiva está ultrapassada. Como não é o foco do artigo, apresenta-se uma perspectiva importante como meio de expor brevemente as divergências interpretativas. “[...] Eu acredito pouco nisso hoje. Finalmente, podemos dizer que Koselleck também participa daquele cronótopo historicista, a impressão de que o ritmo da história vai se acelerando. O que quer dizer que o ritmo da história vai se acelerando? Quer dizer que o momento da decadência, da perda da experiência do passado acontece cada vez mais rápido. [...] Acredito que essa percepção tenha mudado profundamente”. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Depois de ‘Depois de aprender com a história’, o que fazer com o passado agora?”. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAÚJO, Valdeí Lopes de. Aprender com a história? **O passado e o futuro de uma questão**. Rio de Janeiro: FGV, 2011, p.38.

⁴³ REIS. **História & Teoria**, p. 207.



conforme a história mestra da vida, e mais pela descontinuidade, uma vez que passou a prevalecer a premissa da história progresso dos séculos XVIII e XIX.

Com a aceleração do tempo e a percepção dos eventos como singulares (ou como inéditos), ocorreu, segundo Koselleck, uma mudança no tocante à valorização dos termos alemães *Historie* (que remete à história narrada, representada pelos homens) e *Geschichte* (que representa os acontecimentos efetivamente vividos). O que se deseja realçar é que, diante da aceleração do tempo, houve uma apreciação (valorização) do termo que designa tais acontecimentos (*Geschichte*), em detrimento do termo que representa a história como representação (*Historie*).

Paul Ricoeur nos lembra, nesse sentido, que o termo *Historie* cedeu lugar ao termo *Geschichte* que passou, nessa fase, a ser encarado numa dupla acepção, uma como história vivida e outra como história que pode ser dita, narrada⁴⁴. Assim, o termo ligado à história acontecimento (*Geschichte*) foi visto sob uma dupla acepção: história vivida e história narrada. Mas, em seguida, “[...] Para que a soma das histórias singulares se tornasse a história, foi preciso que a própria história se tornasse *Weltgeschichte*, que, portanto, de agregado se tornasse sistema”⁴⁵.

O objetivo dessa discussão sobre o crescimento da importância dos acontecimentos e, por conseguinte, da palavra *Geschichte*, é mostrar que os seres humanos, nesse contexto em voga, estavam incorporando uma acepção de tempo que valorizava cada vez mais o ineditismo dos acontecimentos que ocorriam de forma acelerada. Desse modo, “[...] a singularidade dos eventos – principal premissa teórica tanto do historicismo como das teorias do progresso – não conhece a repetição e, por isso, não permite nenhuma indicação imediata quanto ao proveito das ações passadas”⁴⁶.

Portanto, cumpre evidenciar que a premissa da descontinuidade, como se pode observar via Koselleck, foi importante impulso para uma teoria da história que começou a enxergar o progresso e o futuro em aberto. “O tempo se desnaturaliza, torna-se liberdade de criação do futuro. A história está disponível na ação, pode ser feita em liberdade”⁴⁷. Com isso, a aceleração fazia com que as relações entre o novo e o velho se modificassem com “inacreditável

⁴⁴ RICOEUR. *Tempo e Narrativa*, p. 355.

⁴⁵ RICOEUR. *Tempo e Narrativa*, p. 356.

⁴⁶ KOSELLECK. *Futuro passado*, p. 144.

⁴⁷ REIS. *História & Teoria*, p. 193.



velocidade”⁴⁸. Logo, “[...] As três dimensões temporais pareciam estar cindidas entre si” (Idem, *ibidem*), haja vista que o [...] presente era muito rápido e provisório”⁴⁹.

Como resposta às transformações no conceito de história e às mudanças na forma como as pessoas passaram a viver e lidar com o tempo, a visão de alguns historiadores incorporou e desenvolveu, gradualmente e a partir da filosofia da história, um elemento teórico-metodológico caro à compreensão acerca da vida humana em sociedade: a noção de tempo como processo.⁵⁰

À medida que a aceleração do tempo e a secularização da filosofia contribuíam para gerar o enfraquecimento da história como mestra da vida, produzindo a noção de singularidade dos acontecimentos e projetando para o futuro a perspectiva dos seres humanos, a filosofia da história propôs, gradualmente, a valorização do investimento analítico dos historiadores nas explicações que levavam em conta não o acontecimento em si, mas a compreensão acerca do processo que contribuiu para engendrar tal acontecimento. Em termos menos triviais, à oferta constante e pujante da diacronia, ocorrida sobretudo em razão da aceleração do tempo, ocorreu, paralelamente, uma busca pela explicação que levava em conta a sincronia dos acontecimentos. Assim,

[...] Com o axioma da unicidade [dos acontecimentos] não estamos procurando dar vida nova à figura ou individualidade histórica, pois qualquer história contém estruturas formais de retorno e de repetibilidade, condições de longo prazo que ajudam a criar conjunturas semelhantes [...]. Mas o que é novo em cada história não se deixa explicar causalmente. Toda explicação causal parte do fato de que um fenômeno decorre do outro, ou mesmo de fenômenos de outro tipo.⁵¹

Cumprе ressaltar, pois, que a concatenação do tempo curto (acontecimentos que ocorriam numa velocidade cada vez maior, a partir do século XVIII) com os tempos médio e longo (fatores explicativos que dão sentido às constantes mudanças promovidas pelos acontecimentos cada vez mais velozes) foram recursos gradativamente desenvolvidos e colocados

⁴⁸ KOSELLECK. *Futuro passado*, p. 181.

⁴⁹ _____. *Futuro passado*, p. 181.

⁵⁰ Não se deve tomar esse processo como algo que abarcou todas as visões teóricas e formas de produção no campo da história. Segundo Burke (1997), uma certa historiografia do século XIX, que ele denomina, panorâmica e genericamente, de “Antigo Regime na Historiografia” – e que teve Leopold Von Ranke como um dos grandes nomes – teria sido criticada pelos *Annales* (a partir de 1929) exatamente em razão de sua apreensão mais estreita da história como acontecimentos políticos, eventuais e que pensavam sobretudo grandes personagens. Com efeito, a visão que se está colocando em destaque, aqui neste artigo, especialmente a partir de Koselleck, é desenvolvida principalmente no âmbito de uma determinada vertente historicista. Nesse sentido, cabe chamar a atenção que, ao abordar a “revolução cultural historicista” o historiador José Carlos Reis afirma que “[...] A história é muito mais importante do que a teoria. As instituições humanas e o vivido humano não são o resultado do cálculo e da razão, mas de um *processo histórico*, independente da vontade consciente dos indivíduos”. In: REIS. *História & Teoria*, p. 209, grifos do autor.

⁵¹ KOSELLECK. *Futuro passado*, p.263.



como premissa seminal à teoria da história. Deve-se sublinhar também que essa forma de pensar o tempo foi sendo desenvolvida e aprimorada no transcurso do século XX, ganhando, com os *Annales*, uma característica mais estrutural que não tinha na referência teórica historicista⁵².

A perspectiva desenvolvida por Koselleck, no livro *Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia*, explica como pensar a mencionada concatenação dos tempos. Essa análise do autor não tem o objetivo de expor a forma como se passou a operacionalizar o tempo, no século XIX, mas nos ajuda a compreender alguns dos princípios basilares dessa concatenação temporal que passaram, pouco a pouco, a ser mobilizadas e aprimoradas por historiadores do período.

Segundo esse autor, os acontecimentos inéditos têm como condição primordial de seu surgimento, de sua efetivação, uma estrutura de repetição que lhes reveste e lhes confere um sentido. Desse modo, a singularidade do acontecimento encontra uma condição de possibilidade que é dada por uma estrutura de repetição, que permite a ocorrência dos eventos únicos. Essa estrutura de repetição encontra-se recoberta por dimensões estruturais singulares que lhes dão sentido. Estas estruturas singulares correspondem, pois, às dimensões (planos) estruturais que fazem parte da vida humana (biológica, geológica, cultural, política etc.).

Em síntese, um acontecimento (inédito, singular) deriva da condição de possibilidade provida pelas estruturas de repetição, que, por sua vez, encontram-se conectadas às dimensões estruturais mais amplas que recobrem as estruturas de repetição. Segundo esse historiador dos conceitos, por exemplo, “los actos únicos de habla se apoyan por tanto em la recurrencia del language, que es actualizado uma y outra vez em el momento de hablar y que se modifica a sí mismo lentamente”⁵³.

Em termos mais prosaicos, mais triviais, a fala de algo inédito se apoia na recorrência de um padrão linguístico (estrutura de repetição) que, por sua vez, está ancorado numa estrutura mais ampla que é dada pela cultura de um povo ou sociedade, haja vista que a língua é parte do domínio de uma cultura.

[...] Por isso é necessário que se proceda não apenas diacrônica, mas também sincronicamente, que se fundamente não apenas *post eventum* [após o fato acontecido], mas que se mostre também *in evento* [no acontecer] o que aconteceu, e como aconteceu.⁵⁴

⁵² REIS. **História & Teoria**, p. 203.

⁵³ KOSELLECK, Reinhart. **Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia**. Barcelona: Ediciones Paidés, 2001, p. 263, grifos do autor, p. 38.

⁵⁴ KOSELLECK. **Futuro pasado**, p. 263, grifos do autor.



É em razão disso que Koselleck valoriza sobremaneira o que chama de estruturas dinâmicas, pois é por meio dessa ferramenta analítica que se pode perceber os elementos de repetição inscritos no tempo (não só o acontecimento inédito), tornando possível a concatenação entre distintas temporalidades e permitindo ao historiador pensar o acontecimento não somente por meio do que ele expõe, mas o encaixando em um processo temporal que ajuda a tornar a compreensão histórica mais densa.

A interpretação das fontes históricas deve ter por base, portanto, a perspectiva da teoria do tempo histórico, ou seja, deve ser vista como um processo, para que o acontecimento singular ganhe sentido. É nesse caminho que Koselleck chama a atenção para fato de Tucídides ter sido um historiador antigo que teve a capacidade de incorporar a noção de separação entre o que é dito numa sequência de acontecimentos e o discurso, pois primava por pensar o acontecimento não em si (ou por si só), mas fundamentado no que estava por trás desse acontecimento ou do que se pode interpretar numa temporalidade mais longa que configura um processo histórico. Assim,

[...] Cuando un historiador transforma las experiencias sorprendentes – sean de terror o de felicidad – em conocimiento, se ve obligado a proporcionar justificaciones duraderas a medio o largo plazo para la explicación de experiencias únicas. [...] De este modo aparece em el juego de los argumentos la distinción temporal entre singularidade coyuntural y razones a largo alcance, sin la que ninguna historia puede ser conocida.⁵⁵

É em função do que foi exposto que esse historiador dos conceitos afirma que precisamos de uma teoria da história para compreendermos os processos nos quais os eventos se inscrevem. E essas teorias estão reunidas nas obras de historiografia. Dessa forma, é deveras importante registrar que a historiografia é fundamental como suporte que nos transmite um conjunto de proposições “sobre a história como um todo ou mesmo sobre as histórias singulares que não podem ser respondidas de forma satisfatória a partir das fontes”⁵⁶. Dedutivamente, pois, a historiografia pode ser vista como um manancial de conhecimento empírico e teórico profícuo à reflexão do historiador, além de contribuir para uma noção de processo mais alargada, mais bem arquitetada, na medida em que provém conhecimentos que podem servir de base para a compreensão densa dos acontecimentos.

⁵⁵ KOSELLECK. **Los estratos del tiempo**, pp. 60-61.

⁵⁶ KOSELLECK. **Futuro pasado**, p. 187.



Sobre a visão de processo, Hannah Arendt salienta que se trata de uma perspectiva que se desenvolveu com a ciência moderna como um todo. E a história não ficou de fora desse movimento intelectual. Nesse sentido, segundo a pensadora em evidência, as historiografias gregas e romanas tinham em comum a consideração de que os eventos eram uma forma de exemplo do passado e seus significados se impunham por si mesmos.

Em relação ao moderno conceito de história, essa filósofa destaca que uma de suas características mais importantes é a incorporação da noção de processo, que permite ao historiador pensar os acontecimentos a partir de uma totalidade temporal, não pelas causas inscritas no acontecimento em si. Conseqüentemente, “[...] para nossa moderna maneira de pensar nada é significativo em si e por si mesmo, nem mesmo a história e a natureza tomadas cada uma como um todo, e tampouco, decerto, ocorrências particulares na ordem física ou eventos históricos específicos”⁵⁷.

Face ao que foi exposto, pode-se sustentar que tanto a nova forma de experimentar e lidar com o tempo como progresso quanto a constituição do moderno conceito de história são transformações derivadas de uma nova chave cognitiva que se desenvolveu na modernidade histórica (desde o século XVI). É essa chave que fazia com que as pessoas compreendessem sua relação com o tempo de forma diferente. É como se os modernos transitassem da pergunta “o que o tempo pode nos ensinar?” para outra que era “como podemos aprender com o tempo?”.

Ora, o que o tempo pode nos ensinar remete à história mestra da vida, aquela em que os indivíduos se colocam de forma quase que totalmente passiva diante das experiências que têm no tempo, pois os acontecimentos são encarados, vistos e/ou experimentados como exemplares de um passado tradicional. Alude também à importância da natureza como ponto central no conhecimento.

A mudança para a chave cognitiva “como podemos aprender com o tempo” desloca o campo de aprendizagem para as categorias de entendimento humanas e, desse modo, remete à capacidade das pessoas em experimentar o tempo e pensar sobre seus efeitos. Não é demais evidenciar uma expressão mais trivial de Hannah Arendt para explicar a transformação complexa na forma como a nossa ciência moderna passou a estruturar sua forma de pensar. Segundo a filósofa, “[...] Afirmou-se freqüentemente que a Ciência moderna nasceu quando a atenção

⁵⁷ ARENDT. **Entre o passado e o futuro**, p. 96.



deslocou-se da busca do ‘que’ para a investigação do ‘como’⁵⁸, o que remete à noção de processo como uma chave analítica, cognitiva e heurística relacionada à ciência moderna.

Considerações finais

O tempo, que é uma das chaves mais fundamentais para o historiador, não foi encarado e considerado da mesma forma ao longo da história. Houve, pois, uma transição do antigo para o moderno conceito de história, uma mudança na forma de pensar o tempo e de vivenciá-lo. Crucial nessa transição é a consideração e valorização cada vez maior do tempo que toca a vida humana, o que instaurou, na modernidade Ocidental europeia, um conjunto de possibilidades imensurável e uma complexidade significativa na reflexão sobre o tempo.

Tais mudanças, conforme argumentado, trouxeram alterações na forma como encaramos os acontecimentos da vida e na maneira como produzimos a história (narrativa sobre os acontecimentos). Ambos os impactos (na vida e na história como narrativa) foram pontuados anteriormente. Por isso, convém encerrar este trabalho abordando especificamente a dimensão da história como conhecimento e narrativa sobre o passado.

Em face do exposto, podem ser destacadas, pelo menos, duas transformações importantes na forma de elaboração do conhecimento histórico: a primeira remete a uma nova concepção de história, que se distancia da natureza e o tempo se torna, paulatinamente, uma chave crucial para compreender efetivamente a vida humana em sociedade. A segunda mudança alude à elaboração do conhecimento histórico, pois a aceleração do tempo tornou os historiadores conscientes de que as transformações acentuadas na vida humana também geravam reflexos na produção do conhecimento histórico. Consequentemente, passou-se a entender que não somente o historiador (como indivíduo) tem uma perspectiva sobre a história, mas também as condições de produção de um conhecimento estão ancoradas numa possibilidade que é oferecida pelo tempo ou pelo período em que tal conhecimento está sendo produzido.

As lições que essas transformações gerais na forma de produção do conhecimento histórico podem proporcionar ao historiador (iniciante ou não), especificamente em seu ofício, são múltiplas e complexas. Por isso, cabe finalizar com uma consideração que remete à posição do historiador em seu trabalho de pesquisa, além de ter relação com a forma como pensamos sobre tal posição.

⁵⁸ ARENDT. **Entre o passado e o futuro**, p. 88.



Deve-se sublinhar, nesse sentido, que, desde a modernidade Ocidental europeia, a pesquisa histórica tem reflexionado cada vez mais acerca do tempo como algo importante na vida pessoal dos historiadores e na vida coletiva que os envolve. Destarte, pode-se afirmar que a consciência que temos acerca da experiência temporal do historiador é, a partir do período mencionado, um elemento que permeia o processo de desenvolvimento da pesquisa no campo da história. Logo, deduz-se, por conseguinte, que se trata de algo que deve efetivamente ser levado em conta na análise que os historiadores fazem sobre a escrita da história.

Portanto, diante dos pensadores mobilizados na composição deste artigo, cumpre reiterar que é possível perceber que a problematização acerca do papel do historiador no processo de desenvolvimento de uma pesquisa, bem como sobre as condições gerais que revestem seu tempo, tornaram-se fatores cada vez mais importantes para a historiografia, desde o período em voga. Talvez, essa possa ser uma máxima a ser extraída desse trabalho. A palavra talvez é propositalmente usada aqui porque, dada a profundidade e densidade das ideias contidas nas teses dos eminentes autores mobilizados, o leitor pode também formular a sua máxima.